

SUPERESPORTES

POLÍTICA ESPORTIVA Medalhista de bronze em Atlanta-1996, Ana Moser terá o trabalho de reconstruir o Ministério do Esporte. Pasta foi extinta pelo então presidente Jair Bolsonaro no início do governo, há quatro anos, e foi reativada por Lula



Anunciada na quinta-feira, Ana Moser será a primeira mulher a ocupar o Ministério do Esporte

Ed Anderson/DA Press

Os desafios da nova ministra

RAYSSA LOREEN*
VINICIUS DORIA

A ex-jogadora e medalhista olímpica de vôlei Ana Moser, 54 anos, será a primeira mulher a assumir o comando do Ministério do Esporte que, durante os quatro anos de governo de Jair Bolsonaro, teve o status rebaixado para uma secretaria especial abrigada no guarda-chuva do Ministério da Cidadania. Apesar de neófito na política — ela nunca ocupou cargo público na vida —, a esportista assume o comando da pasta credenciada não só pelo trabalho que desenvolveu com organizações do terceiro setor, mas, também, pelo papel que desempenhou nos últimos dois meses no governo de transição para o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, que diagnosticou os problemas da área do esporte no país.

Ela ocupará a cadeira que, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi de Pelé. O Rei do Futebol, morto quinta-feira vítima de um câncer, foi o primeiro nome a liderar a pasta esportiva. “Quis o destino que, no mesmo dia em que fui anunciada para o Ministério do Esporte, cadeira

“Ana Moser é um excelente nome para chefiar o Ministério do Esporte. Participou de debates importantes sobre políticas públicas esportivas e poderá contar comigo para defender o setor nos debates promovidos no Congresso Nacional”

Leila do Vôlei,
Senadora da República

que primeiramente foi dele, há 24 anos, Pelé nos deixa. Em meio à tristeza, fica a admiração e o respeito pelo Atleta do Século, o Rei do Futebol, e pelo cidadão que deu sua contribuição para a sociedade, que representou a qualidade e a força do povo brasileiro”, escreveu a nova ministra em suas redes sociais.

Ana Moser ficou conhecida pelo desempenho nas quadras. A ex-esportista esteve no time que conquistou a primeira medalha olímpica do vôlei feminino brasileiro, de bronze, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996. Em 1998, disputou o Campeonato Mundial

com a Seleção Brasileira, que terminou na quarta colocação. No ano seguinte, anunciou a aposentadoria do esporte.

Em 2001, Ana Moser criou o Instituto Esporte e Educação, que já atendeu a 6 milhões de crianças e jovens e capacitou mais de 55 mil professores e educadores em todo o Brasil. O trabalho dela no instituto se baseia no esporte como instrumento de educação e inclusão social, como indica a apresentação no site da ONG. A metodologia é fundamentada em três pilares: ensinar esporte a todos, ensinar bem o esporte para todos, e ensinar

mais do que esporte. É essa lógica, de priorizar iniciação esportiva em vez de privilegiar o esporte de alto rendimento, que a ex-atleta quer implementar no ministério.

Ana também integra o grupo Atletas pelo Brasil, formado por desportistas que lutam para promover mudanças nas atuais políticas públicas e buscar avanços sociais a partir do esporte. Aline Pellegrino (futebol), Erika Coimbra (vôlei), Pipoka (basquete) e Raí (futebol) são outras personalidades que fazem parte do programa.

Antes da definição para o comando da pasta, o nome da senadora pelo Distrito Federal Leila Barros (PDT) chegou a ser cogitado. Amiga pessoal e ex-companheira de equipe, Leila disse que a nova ministra pode contar com ela no Parlamento. “Ana Moser é um excelente nome para chefiar o Ministério do Esporte. Participou de debates importantes sobre políticas públicas esportivas e poderá contar comigo para defender o setor nos debates promovidos no Congresso Nacional.”

*Estagiária sob a supervisão de Danilo Queiroz

Três perguntas para Ana Moser

Como a senhora, que está estreando na política, se vê no primeiro escalão do novo governo?

Sou totalmente caloura, mas acho que é uma revolução. Na nossa área, o esporte, a indicação de uma pessoa com o meu perfil é mostra a intenção de se fazer uma revolução em prol do esporte como um direito de todos. A expectativa é de fazer esse trabalho junto com a educação, com a saúde, para botar a nossa população para ser ativa, esse é o grande desafio, a encomenda do presidente Lula. E eu estou assumindo essa missão.

A senhora, que vem do alto rendimento, já atua no esporte de base há muito tempo, não é?

Eu tenho vinte anos de gestão de ONGs, criei o Instituto Esporte e Educação e somos mais de 200 colaboradores. É uma instituição que tem uma história de mais de duas décadas de trabalho

com esporte para crianças e jovens, principalmente, além de outras iniciativas. Eu conheci o Brasil ao longo desses vinte anos, atendemos mais de mil municípios, conheço o Brasil inteiro. É essa experiência que eu espero usar (no ministério). E contar com todos os meus contemporâneos desses últimos vinte anos de história no esporte como direito de todos. Essa história está sendo escrita por uma geração de atletas, desportistas, profissionais da área da educação física, gestores, e é isso que a gente quer levar para o ministério, e ampliar isso, claro.

Como a senhora, que não tem carimbo partidário, viu a montagem do time do novo governo, no qual irá atuar a partir de hoje?

É um compromisso com o fazer. E fazer bem feito, com realizações, entregas. É essa responsabilidade que eu estou tomando para mim.

SÃO SILVESTRE

Africanos aumentam a dinastia na corrida paulista

A 97ª edição da São Silvestre, disputada ontem, em São Paulo, terminou com dois campeões inéditos. O primeiro lugar da prova feminina ficou com a queniana Catherine Reline, de 20 anos. Já o vencedor entre os homens foi o ugandense Andrew Kwemói, que correu os 15 km da prova com o tempo de 44min43s, e se tornou o primeiro atleta de Uganda a ser campeão da São Silvestre.

Os melhores brasileiros ficaram em quarto lugar. No feminino, Jenifer Nascimento veio atrás das quenianas Yimer Wude, tricam-

peã da corrida, e Kabebush Yisma, donas do segundo e terceiro lugar, respectivamente. No masculino, Fábio Jesus Correia passou a linha de chegada atrás do campeão, de Joseph Panga, da Tanzânia, e do ugandense Maxwell Rotich.

O brasileiro se jogou no chão, emocionado pela conquista. “Estou pensando na minha mãe. Acho que ela estava me dando força”, disse em entrevista à TV Globo. “Não é fácil, a nossa vida é um pouco sofrida. Trabalhei como Uber, sou coletor. Minha rotina é

muito puxada, mas cheguei aqui e fiz uma coisa que muitos duvidavam. Só tenho a agradecer”.

Havia o receio de que a corrida pudesse ser atrapalhada pelo clima, após uma semana de muita chuva. A capital paulista, contudo, amanheceu ensolarada e a prova foi disputada com solo seco do início ao fim. Debaixo do sol, muitos participantes amadores homenagearam Pelé, morto na última quinta-feira. As pessoas levavam cartazes, vestiam roupas personalizadas e exibiam imagens do Rei.

Na disputa feminina, Reline se

destacou do primeiro bloco perto do meio da prova e se isolou na frente, sem sofrer grandes ameaças até cruzar a linha de chegada no retorno à Avenida Paulista. A prova masculina foi um pouco mais equilibrada na definição do vencedor. Kwemói foi perseguido por Joseph Panga, mas não deixou ele encostar e conseguiu a vitória inédita para a Uganda na tradicional corrida de rua brasileira, que não tem um campeão nacional desde 2010, quando Marilson Gomes dos Santos cruzou a linha de chegada em primeiro.

Destaque do dia

Mauro Pimentel/AFP

Gerson no Fla

A última notícia do ano foi boa para a torcida do Flamengo. Ontem, o clube carioca se aproximou de um acordo com o Olympique de Marselha para repatriar o volante Gerson. O atleta foi vendido aos franceses em junho de 2021, mas enfrentou um período em baixa na equipe europeia, o que abriu margem para uma negociação. As partes negociavam desde novembro. Porém, somente agora chegaram a um denominador comum sobre os valores finais da transferência. O contrato com o jogador deve valer por cinco temporadas.

